



O POVERELLO

Ano I - nº V – Outubro 2016

O Senhor vos dê a Paz!

No último dia 02 de agosto deste ano em Assis, frades, irmãs e leigos franciscanos ouviram o som que ressoou pelo mundo afora de Perdão e Misericórdia, anúncio profético e atual dos 800 anos do Perdão de Assis. Alguns dias depois, próximo aos dias em que festejávamos os Estigmas do Seráfico Pai, o Papa Francisco esteve em Assis por ocasião dos 30 anos de Encontro da paz, e juntos cristãos, mulçumanos, budistas e membros de tantas outras religiões rezaram pela Paz e recordaram a memória de São Francisco com o Sultão: “O único caminho de Paz é o diálogo e o perdão”.

Ao celebrarmos a festividade deste santo que abalou as estruturas da Igreja com o seu testemunho de vida, somos interpelados a vivermos kerigmaticamente a proposta do evangelho que advém pelo próprio humano, uma vez que o Verbo do Pai se deu a conhecer na sua forma humana. Com isso, o carisma franciscano é respirável a toda a forma de ser humano. Na busca da conformidade a este Cristo Pobre, Obediente e Casto, vamos nos tornando semelhantes a Ele, revelando-o por pequenos gestos imperceptíveis aos olhos que não se encontram na busca da dinâmica desta conformidade.

Nesta edição

O Evangelho é nossa vida	02
Formação	04
Franciscanamente falando...	05
“Teologia em comunidade”	
Por Frei Henrique Mendonça, OFMConv.	07
Testemunho vocacional	08
Acontecimentos...	11
Indicamos aos nossos amigos	15
Celebramos na sua intenção	16

Amados irmãos e irmãs, de modo audacioso, o editorial de nosso boletim informativo “O Poverello” quer nos introduzir a esta humanidade revelada na manjedoura, na cruz e na ressurreição como lugares que possibilitaram a Francisco de Assis ter a experiência do Cristo tornando-se um outro Cristo. A partir de seu exemplo de vida, somos levados a encarar a vida segundo a ótica do evangelho, regendo o nosso modo de ser nesta perspectiva evangélica.

Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá o dinheiro aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me!

Palavra bela e exigente. Nada pode ser preferido a Ele. Eis a verdade da *sequela*: destacar-se de todas as coisas para ver a perfeição. A condição de “vender os teus bens e dar o dinheiro aos pobres” é a lógica de totalidade que o Senhor quer ter dentro do coração do discípulo.

A tônica deste trecho evangélico não é a busca do desejo de perfeição no ato de “vender tudo”, mas no “vem e segue-me”. A lógica do seguimento é a suprema riqueza de possuir a Jesus. O “vender tudo” significa renunciar a se apoiar em qualquer outra fonte de segurança, seja material, como a riqueza, seja religiosa, como a observância da Lei.

Pode-se aproximar esta perícope à parábola do homem que descobriu um tesouro no campo e vende tudo para comprá-lo, e do homem que cede toda uma coleção de pedras preciosas para adquirir *a pérola de grande valor* (cf. Mt 13, 44-46).

A lógica do seguimento que Jesus propõe pede tudo, porque dá tudo. Não servem meias-medidas (*part-time*). Em jogo está a vida do eterno. Jesus é ousado. Quer discípulos, não militantes. Palavras duras. Que provocação? Absoluta liberdade, total disponibilidade.

Tornar-se discípulos do Deus de Jesus é um compromisso que dura toda a vida e que requer **muita energia e verdade**. O que se coloca em jogo é uma coisa grande: o sentido da vida, descoberta do nosso existir e o designio escondido diante dos eventos da história.

Jesus é assim exigente porque quer homens e mulheres autênticos, não evangelizadores fanáticos. Homens e mulheres cheios da lógica da procura, do fascínio do Tremendo e do Totalmente outro, que colocam a própria energia a serviço do reino.

Jesus não é um rabino que desejava uma multidão de discípulos, nem é um “politicamente correto” em busca de uma grande multidão: diversamente dos “gurus” de hoje não quer ser famoso, nem quer ter em torno a si



uma multidão de aplausos, tantos “likes” no seu perfil. É livre, dramaticamente livre. Quer liberdade na doação da resposta. Ao contrário dos “rabinos” do seu tempo, Jesus não se deixa escolher, mas escolhe os discípulos e coloca condições nada faceis.

As condições para se tornar discípulos de Jesus são motivadas pelo nível do desafio: ele quer discípulos dispostos a entrar no jogo totalmente, não só nos momentos místicos e religiosos da vida. É preciso fé! Fé não é um conceito intelectual e mental; não é doutrina ou verdades absolutizadas e dogmáticas. A fé não é primariamente um “acredito” (por exemplo, que Deus existe), mas é um ato de confiança no Senhor. É a aderir ao Senhor, é ligar-se a Ele, é colocar a confiança Nele até o ponto de abandonar-se completamente em uma relação vital e pessoal. Nisso se joga tudo.

A fé precisa ser entendida como adesão; ela só pode estar presente onde há uma relação pessoal com Jesus. Dependência total (vende tudo; dá tudo). Uma entrega e um serviço sem pretensão. Dependência total e absoluta no Senhor: terás um tesouro no céu! Compromisso existencial com a pessoa de Jesus. Esta confiança-adesão é só possível a partir do encontro com o Senhor. Fé é adesão à proposta. No amor, somos chamados a doar tudo. Toda relação de amor é sempre totalizante e quer a perfeição. Pede tudo. Está acima de qualquer retribuição. É doação plena do dom de si. O dar a vida é tudo. A falta de fé é a razão profunda de muitas patologias na comunidade cristã. Nos mundanizamos.

Pode-se não aderir à proposta totalmente, mas a partir do encontro, não será fácil deixar a presença de Jesus e esquecê-la; não por acaso o jovem rico retirou-se de sua presença “triste” (cf. Mc 10,22).

Frei Luís Felipe Marques, OFMConv..



Frade Menor, um jogral de Deus

No primeiro capítulo da Regra dos Frades Menores, Francisco, em poucas palavras, o essencial da vida dos Irmãos Menores, essencial que, a partir de sua experiência, o mesmo Francisco considerava como o próprio núcleo da vida cristã. Eis a frase fundamental: “A Regra e a Vida dos Frades Menores é esta: observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem nada de próprio e em castidade” (RB 1, 2). Para Francisco, a palavra *regra* não significa um conjunto de normas que restringe a liberdade e a criatividade dos frades. Antes, Francisco entende regra a partir do sentido de regência de uma orquestra. Sem embargo, a regência musical, longe de ser algo que restringe a criatividade e a liberdade musical, consiste, pelo contrário, justamente no princípio que integra e harmoniza tudo aquilo que colabora para que se faça música. Semelhantemente, para Francisco, toda a vida dos Frades é regida pelo Evangelho, cuja concretude reside no próprio Cristo. É Cristo a regência, o princípio que dá sentido, harmoniza, dirige, e confere força e beleza à vida dos Frades. Assim como não há música sem a regência, do mesmo modo não há verdadeiro Frade Menor onde Cristo não é o princípio da vida.

Além do termo “Regra”, Francisco utiliza também o termo *vida*. Com ele é destacado o fato de que o Frade somente cresce e dá frutos se sua vida é um contínuo manter-se disposto para ser um servo do Santo Evangelho. Nas três expressões seguintes (obediência, sem nada de próprio e castidade), Francisco apresenta o modo concreto de conduzir a vida a partir da regência de Cristo. *Obediência* é a atitude fundamental de manter o coração aberto para escutar, para captar em todas as coisas, aquilo que Cristo está comunicando. Esta atitude é muito parecida com aquela do músico que, para tocar bem a música, precisa primeiramente ter ouvido bastante o significado profundo da música expresso pela melodia, pela harmonia, pelo ritmo e pela letra que lhe chegam às mãos e, sobretudo, aos ouvidos. *Sem nada de próprio* significa a atitude de manter-se vazio de toda distração que pode afastar a atenção da regência que é Cristo. *Castidade*, por sua vez, é a atitude de não dispersar nenhuma força em algo que não seja unicamente Deus. Frei Egídio de Assis explicava isto dizendo que ser casto é conservar todos os sentidos para a graça de Deus (Cf. DE 9, 20).

Para Francisco, compreender experiencialmente esta primeira frase da Regra era o essencial para o frade, pois entender Cristo como a regência da vida conduziria diretamente à compreensão de que a vida do frade não é outra coisa do que trabalhar para tornar-se como Cristo, para tornar-se outro Cristo, para fazer ressoar a música que é Cristo. Era isto que significava dizer que a Vida dos Frades começa “Em nome do Senhor!” (RB 1, 1). Francisco realizou isto com tal perfeição que reconhecidamente se tornou um outro Cristo no mundo. Tocado pela experiência da música que é Cristo, quis que seus frades fossem, no mundo, jograis de Deus, isto é, cantores das maravilhas de Deus (CA 83, 28). Ele mesmo foi um tal cantor com perfeição. Cantou, com sua vida, o Evangelho. Era a música do Evangelho que o fazia tomar dois gravetos e, imitando um violino, sair a cantarolar, pelas ruas de Assis, as maravilhas de Deus. Com esta imagem temos um modo resumido de dizer a mensagem fundamental da Regra: Frade Menor, um jogral de Deus.

A perfeita alegria

Comentário a 9ª Admoestação de São Francisco de Assis

No percurso de Perusa a Santa Maria dos Anjos, caminhando com pés descalços, numa tarde de inverno rigoroso, São Francisco falou com Frei Leão sobre a “perfeita alegria”. Mas, seu modo de falar foi tão estranho que deixou Frei Leão atormentado. Depois de mencionar as coisas mais positivas das conquistas humanas e as graças mais sublimes e desejáveis, cuja obtenção redundaria em alegria indizível segundo o jeito comum de pensar, São Francisco afirmou categoricamente que em nada daquilo estava a perfeita alegria. Desesperado pela perplexidade, Frei Leão instou-lhe, então, pelo amor de Deus, lhe dissesse onde estava a perfeita alegria. Francisco respondeu de um modo que nos deixa a todos completamente aturdidos. Ele disse que a “perfeita alegria” consiste em carregar com paciência e sem murmuração a cruz de Cristo. Sim, este Frade era enamorado de Cristo crucificado. Ele meditou e viveu profundamente o mistério da Paixão de Cristo até o ponto de ser marcado pelos sinais externos do Crucificado.

Mas, o que é a cruz de Cristo? O que foi a sua Paixão? Obviamente, compreender a paixão de Jesus Cristo não é justificá-la historicamente ou racionalmente, mas aderir a uma lógica inteiramente diferente de organizar toda a existência humana. A cruz de Cristo não é apenas um suplício cruel imposto a um homem indefeso que não pôde evitar o seu fim trágico. A cruz de Cristo é a medida do amor sem medida. Sim, a cruz de Cristo é destilação do amor. Tal amor se exprime maximamente no amor aos inimigos. Daí o mandamento: “Amai os vossos inimigos” (Mt 5, 44).

O amor aos inimigos define essencialmente o cristianismo e, conseqüentemente, constitui um dos maiores desafios da experiência cristã. Para amar o inimigo não basta uma medida de amor baseada nos nossos modelos de amor. É preciso adquirir uma medida baseada no modelo do amor do amor de Deus. Seu Amor tem a medida da imensidão incondicional: é como sol que raia sobre maus e bons, como a chuva que cai sobre justos e injustos (Mt 5, 45). Nosso amor precisa ser libertado da medida olho por olho, dente por dente (Mt 5,38), muito centrada no nosso egoísmo e que nos impede de dar o grande salto para a expansão do Amor de Deus que nos ilumina a todos de imensidão. Sem nos abirmos à medida dilatada do amor divino, nossa capacidade de amor vai-se asfixiando e nos tornando mesquinhos, tensos, irritados, orgulhosos, sem paixão.

“Ama verdadeiramente o seu inimigo quem não se dói pela injúria dele recebida”. A palavra injúria é uma das mais frequentes na boca de Francisco, quando ele está exortando a um caminho espiritual. Por que será? Injúria, em geral significa, injustiça, ofensa, dano, mas o Pobre de Assis parece tomá-la em sentido genérico para indicar qualquer dificuldade ou provação. Há, pelo menos, dois modos de se viverem as dificuldades. Um modo seria vivê-las como oportunidade que nos provoca a nos despertamos para crescermos mais em profundidade humana, tornando-nos pessoas melhores, mais maduras. Outro modo seria revoltar-se contra as dificuldades, tomá-las simplesmente como algo absurdo e trágico que não deveria existir, não vendo nelas chances de crescimento humano-



espiritual.

Francisco sempre fala das injúrias, ou seja, das dificuldades e provações da vida como verdadeiras oportunidades e possibilidades de crescimento espiritual. Aliás, às vezes, ele nos escandaliza afirmando que as provações, inclusive as injustiças que sofremos são lições que nosso Divino Mestre nos passa para que nos tornemos iguais a Ele. Com isso, precisamos aprender a viver melhor as dificuldades e provações da vida. Quem não busca aprender a viver as provações da vida como oportunidades e meio de crescimento, mas se revolta contra elas e permanece no estado de revolta, com o passar do tempo torna-se uma pessoa indiferente, amuada, insatisfeita sem saber o porquê. Daí a necessidade de começarmos a descobrir que as dificuldades da vida, venham de onde vierem, são uma provocação ao crescimento, um apelo insistente para que mudemos de atitude e sejamos melhores humana e espiritualmente.

Tudo isso nos indica que o nosso verdadeiro valor não é aquilo que sempre pensamos e defendemos. O que constitui a nossa interioridade, o nosso verdadeiro valor é Deus na imensidão de sua bondade, em cuja imagem e semelhança fomos criados. Ele está presente em todas as partes, até mesmo lá onde nós não podemos imaginar, preenchendo tudo com bondade.



Obviamente, uma postura espiritual como essa que Francisco propõe não vem de modo fácil e também não se pode adquiri-la simplesmente com esforço e boa vontade. Talvez, ela seja mais como o fruto da colheita de uma plantação insistentemente semeada e longamente cultivada dos anos, por meio de várias experiências.

Poderíamos nos perguntar: quando Francisco dizia que as provações da vida são lições que o Divino Mestre nos passa para nos tornarmos iguais a Ele, o que será que passava em sua cabeça? Quais os sentimentos que iam dentro dele? Como ele avaliava a vida? Certamente, sua compreensão da vida não era igual à nossa. Seus sentimentos em relação à vida e sua maneira de avaliá-la não eram como os nossos. Ele estava totalmente em outra. Por exemplo: quando um irmão Ministro Provincial lhe escreve pedindo conselho sobre uma dificuldade pessoal, Francisco começa respondendo assim: “A respeito do estado de tua alma, digo-te o seguinte, como posso: aquelas coisas que te impedem de amar o Senhor Deus e as pessoas que te causam empecilho, sejam elas quem for – irmãos ou outros – mesmo se te esbofetearem, tenhas tudo isso por graça. Assim o queiras e não outra coisa”.

Embora sejamos fraquinhos e incapazes de compreender o ensinamento de Francisco, é um grande privilégio termos contato, de alguma forma, com a grandeza de alma dele. Mesmo não entendendo sua espiritualidade altíssima, podemos deitar em cima de suas palavras e ter presente que, além de nossa maneira limitada de compreender a vida, de nossas expectativas humanas mesquinhas, existe outra mais profunda que nosso Pai e irmão Francisco viveu e nos deixou como referência. Assim, quem sabe, de limitação em limitação, de provação em provação, mesmo passando por períodos de confusão e desnorteamento, aos poucos, começamos a participar um pouquinho da grandeza de alma deste Grande Frade, Francisco de Assis, aprendendo a ter outros padrões de valores e, conseqüentemente, outra forma de avaliar a vida, descobrindo como o “Poverello” o verdadeiro rosto de Deus, diante do qual tudo é graça.

A QUESTÃO DA VERDADE E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Muitas vezes uma compreensão errônea de diálogo inter-religioso conduz a mal-entendidos que acabam por não proporcionar um verdadeiro diálogo. Não raras vezes encontramos um entendimento que transmite uma ideia de que para ouvir o outro é necessário anular-se.

Num contexto atual onde se exige uma abertura ainda maior da Igreja frente às outras tradições, e de modo especial quando religiões são afrontadas e discriminadas como consequência de atos de membros radicais, faz-se necessário uma melhor compreensão do que seja a Verdade seguida em cada uma delas e a explicitação de que é possível uma convivência harmoniosa e fraterna entre as diversas confissões, enfatizada no desejo unânime de paz.

Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja se abriu de forma inédita para o relacionamento com as diversas religiões. Algumas atitudes como os encontros realizados em Assis pelos três últimos Papas são expressão dessa postura mais dialogal da Igreja que não mais desconsidera as tradições religiosas que de uma forma ou de outra buscam o conhecimento e o relacionamento com a Verdade.

Existem duas perspectivas distintas perante as quais pode ser realizado o diálogo inter-religioso: a doutrinal e a oracional. No caso deste segundo aspecto, não há discussão sobre doutrina ou teologia, mas o que assume importância é o clamor a Deus, como acontece nos mencionados encontros de Assis. Já na perspectiva doutrinal o que entra em pauta na discussão é o conteúdo dogmático específico de cada confissão religiosa.

O problema da Verdade é sempre uma questão muito delicada quando o assunto é o diálogo inter-religioso. No entanto, o teólogo Joseph Ratzinger sustenta a tese de que um autêntico diálogo entre as religiões só é possível na discursão sobre a Verdade, sobre o Logos. Desta forma, apresentam-se como essenciais três condições para a realização do diálogo: entender a fé cristã como Logos; aceitar que somente aquelas crenças que se fundamentam e se submetem ao Logos e mais, as que forem vistas como Logos, é que podem participar deste diálogo; e, por fim, é necessária uma abertura para ouvir e compreender o Logos da religião do interlocutor.

Quando se encontram estas condições que possibilitam o diálogo, então este tem como objetivo e finalidade primeira a melhor convivência entre as pessoas de religiões distintas, depois um conhecimento mais aprofundado dos princípios das outras religiões e também da própria; e, ao termo, a possibilidade de poder mudar, livremente, da religião a que faz parte para a outra que a pessoa acredite ser a melhor. Fundamentados nestes conceitos formulados por Ratzinger cabe-nos a questão: é possível o diálogo inter-religioso?

Testemunho vocacional. Frei Francisco de Assis.

Francisco nasce provavelmente em setembro de 1181 ou início de 1182, em Assis, filho do famoso comerciante Pedro Bernadone e de Dona Joana, tendo como irmão Ângelo. Francisco fora batizado com o nome de João. Todavia, quando Bernadone regressou da França de uma viagem de negócios, mudou-lhe o nome para Francisco. O nome Francisco é uma manifestação da apreciação que Pedro Bernadone tinha pela França, uma vez que a referida cidade era o lugar onde ele comprava tecidos para sua loja, para a manutenção da casa e da família. Francisco viveu sua infância normalmente como uma criança que pertencia a um estado socialmente reconhecido, isto é, gozou daquilo que lhe era próprio como criança. Destaca-se nele a inteligência e perspicácia ou, dito de outra forma, sua nobreza de alma.



Em novembro de 1202 dá-se uma guerra entre Perugia e Assis. Assis é vencida em Collestrada e Francisco torna-se prisioneiro, passando um ano preso em Perugia.

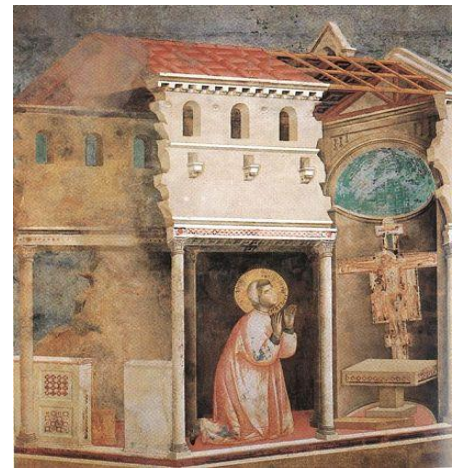
Em 1203, cessado o conflito e reiterada a paz entre Assis e Perugia, Francisco regressa a Assis.

Em 1204, Francisco atravessa uma longa doença e convalescença. Inicia-se um processo de mudança, isto é, ele começa a desprezar as coisas que antes admirava.

Na Primavera de 1205, Francisco corresponde à convocação do Papa: se incorpora aos exércitos do conde Gentil della Pagliara e parte para guerra em Apúlia com o objetivo de defender sua pátria. Em Espoleto, é surpreendido por uma visão misteriosa que o ordena a voltar para Assis. Em consequência disto, seus projetos começam a tomar outros caminhos.

Em agosto do referido ano, Francisco torna-se mais sensível à graça. Torna-se um jovem mais dedicado à oração e à reflexão. Nessa busca e confronto, ocorre seu encontro com o leproso, o qual é acolhido por ele com um beijo. No concurso dessa busca de decifrar a voz misteriosa, Francisco faz uma romaria até Roma e lá se faz pobre com os pobres, ou seja, faz a experiência de um mendigo.

Francisco escuta, pouco tempo depois, uma alocução do Crucificado: “Francisco, não vês que minha Igreja está se destruindo? Vai, pois, e restaura-a para mim.” Trêmulo” disse: “De boa vontade o farei, Senhor”. Impelido pela voz do Crucificado, Francisco vai a Foligno vender tecidos. Na volta, oferece o dinheiro da venda ao padre da Igreja de São Damião (que estava em ruínas) para a reconstrução da mesma.



O novo modo de vida acolhido por Francisco decepciona seu pai. Tal revolta leva Pedro Bernadone a persegui-lo. Nesse contexto, em 1206, perante o Bispo Guido II, Francisco renúncia à herança paterna. Dito de outra forma, ele se despoja da sua roupa e é acolhido pelo Bispo. Suas vestes, a partir de então, são um manto rústico. Francisco veste-se com hábito de eremita e começa a reparar a igreja de São Damião, a igreja de São Pedro e a Porciúncula (até fevereiro de 1208).

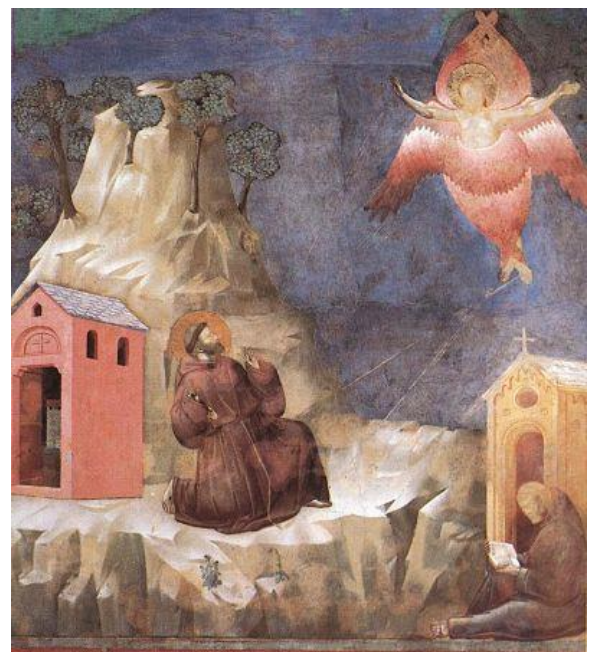
Em 24 de fevereiro de 1208, Francisco ouve o Evangelho da festa de São Matias sobre a vocação e a missão apostólica. Nessa literatura evangélica, descobre sua vocação à pobreza. Diz Francisco: “É isso que eu quero, isso que procuro, é isso que eu desejo fazer com todas as fibras do coração”. Muda as vestes de eremita e passa a usar as de pregador ambulante (uma túnica cingida por uma corda). Dá-se o início da pregação ao modo apostólico. Aqui propriamente começa o estilo de vida franciscana: a via itinerante.

Em 16 de abril, Francisco recebe em sua companhia os primeiros irmãos (frades): Bernardo de Quintavalle e Pedro Cattani. No dia 23, recebe o irmão Egídio na Porciúncula. Nos fins do referido ano, o grupo está composto oito membros. Francisco escreve a *formula vitae*, uma pequena regra. Vai a Roma com seus onze companheiros pedir aprovação papal da referida regra. O Papa Inocêncio III aprova a *formula vitae* oralmente.

Em março de 1212, na noite do domingo de Ramos, a nobre jovem Clara de Favarone foge de casa e é recebida na Porciúncula. Francisco e seus companheiros dão-lhe o hábito da pobreza e da penitência. Clara é levada por Francisco e seus companheiros ao mosteiro de São Paulo em Bastia, onde ela fica alguns dias. Depois é conduzida ao mosteiro de Santo Ângelo Panzo. Permanece aí algumas semanas e, por fim, recolhe-se em São Damião, onde fica até a sua morte, em 1253. Dá-se início a Segunda Ordem (das Damas Pobres), atualmente as Clarissas.

Em 1213, o Conde Orlando de Chiusi dá o monte Alverne a Francisco para que ali construa seu eremitério.

Em 14 de setembro de 1224, Francisco rece-



be os estigmas no corpo. Entre outubro e novembro, regressa à Prociúncula. No fim do ano, Francisco faz uma viagem para pregar na úmbria e em Marcos. O Pobre de Assis está profundamente abatido por várias doenças (grave oftalmia).

Em março de 1225, Francisco visita Clara em São Damião, onde fica por um determinado tempo porque a doença dos olhos havia piorado. Submete-se a um tratamento oftalmológico, mas sem resultado. Na agonia da dor, ele recebe de Deus a certeza de sua salvação e compõe o Cântico das Criaturas. Aconselhado pelo Cardeal Hugulino, ele deixa São Damião e é acolhido no palácio episcopal em Rieti. Daí se dirige para Fonte Colombo para se submeter a um tratamento: cauterização das têmperas. Sem obter resultado, tem que ir para cidade de São Fabiano para se submeter a outro tratamento.

Em 1226, Francisco vai a Sena para novo tratamento. As doenças se agravam. Ele chega ao eremitério de Cortona onde redige o Testamento de Sena. Regressa à Porciúncula. Entre julho e agosto, no verão da Itália, fica um pouco em Bagnara. Seu quadro clínico piora. Em virtude disso, ele tem que voltar a Assis. No regresso, fica algum tempo hospedado no palácio do Bispo de Assis. Mas, prevendo sua páscoa, insiste em ser levado para a Porciúncula.

No sábado de 3 de outubro, após o pôr do sol, tendo abençoado os seus filhos, Francisco morre aos 44 anos. É sepultado no dia seguinte na Igreja de São Jorge, dentro dos muros de Assis.

Em 16 de julho de 1228, Francisco é canonizado, em Assis pelo Papa Gregório IX e, em 1230, seu corpo foi translado para a Basílica construída em sua homenagem, onde se encontra até os dias atuais.



Venha fazer parte
desta história...



SECRETARIADO VOCACIONAL E DA JUVENTUDE
Província São Maximiliano Maria Kolbe

Caros leitores, o mês de outubro para nós franciscanos e franciscanas é um mês muito especial, pois celebramos a festa de nosso pai fundador Francisco de Assis. Este, que no seguimento de Cristo pobre e crucificado tem muito a nos ensinar. Sendo assim, as atividades ocorridas no nosso Seminário foram muito intensas e cheias de espiritualidade, onde nós pudemos realmente viver bem a solenidade desse grande homem que, depois de 800 anos ainda cativa a muitos:

Logo no início do mês, celebramos a novena em honra a nosso pai Seráfico. Dando uma especial atenção e solenidade para os últimos três dias que antecedem a festa de São Francisco. Os frades do Seminário São Francisco juntamente com os frades dos Conventos São Boaventura e São Francisco celebraram esses três dias no Santuário São Francisco, estavam presentes também a venerável Ordem Terceira de São Francisco (OFS) as Irmãs Franciscanas da Sagrada Família e toda a comunidade do Santuário.

No dia 03, celebramos o *Transitus* de São Francisco. Esta Paraliturgia encenada apresenta os últimos momentos de nosso seráfico pai entre os seus e a passagem deste para junto de Deus. Foi uma celebração bela e rica de espiritualidade.

No dia 04, dia do Glorioso Francisco de Assis, foi celebrado aqui no seminário a Jornada formativa. Esteve presente toda parte da formação de nossa província, a saber: os Postulantes, os pré-noviços e os frades estudantes de teologia. Foi um dia de festejarmos a São Francisco. Pela manhã teve um café da manhã com toda a formação, logo em seguida Frei Rogério OFM Conv, da Província de São Paulo nos deu a formação sobre São Francisco. Em seguida Frei Euzébio e Frei Francisco Kramek, que neste dia completaram 60 anos de profissão perpetua, nos deram umas palavras de motivação na caminhada franciscana, sendo estes os frades mais velhos de nossa província. Depois da formação, fomos para o refeitório do seminário e partilhamos da mesa fraterna, e comemoramos os 60 anos dos freis. Depois tivemos uma tarde de lazer e esporte e por fim às 19:00 foi celebrada a Solene missa em honra a São Francisco, presidida por nosso Ministro provincial e concelebrada por vários confrades presente. Ao longo deste dia os frades do seminário passaram fazendo a bênção dos animais dos fiéis que vinham pedir por intercessão de São Francisco.







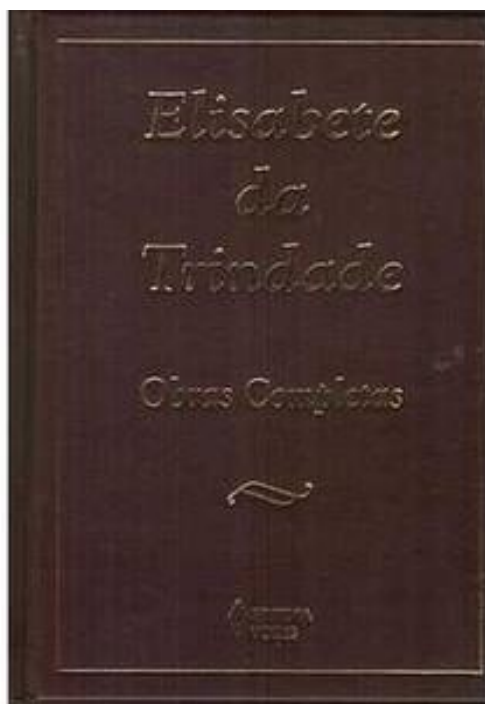
No dia 05, Dom José Aparecido, bispo auxiliar da arquidiocese de Brasília veio visitar os frades do 4 ano que irão ser ordenados diáconos no fim do ano. a visita dele consistiu em conhecer os frades que serão por ele ordenados e dar uma breve formação sobre o ministério do diaconato.



No dia 12, foi celebrado a solenidade de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, nos frades estivemos presente na Santa Missa estacional, na Esplanada dos Ministérios, celebrada por nosso Arcebispo Dom Sergio da Rocha, que nesta ocasião tinha acabado de receber a noticia que tinha sido nomeado Cardeal da Igreja por sua Santidade o Papa Francisco. Também essa missa foi concelebrada pelos bispos auxiliares e emérito e também por todo o clero de nossa arquidiocese.







Obras completas - Santa Elisabete da Trindade



Fidesbook Brasil

Fidesbook Brasil – Canal de vídeos evangelizadores do Seminário São Francisco de Assis (Ordem dos Frades Menores Conventuais – Província São Maximiliano Maria Kolbe – Brasília/DF_ <https://www.youtube.com/channel/UC-hQF1c4ljzYrFI3WOJTZzw/videos>,



<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>



<http://franciscano.org.br/>



<http://www.isb.org.br/>

FRADES

- Frei Luís Carlos do Nascimento
- Frei Cristiano da Silva Freitas
- Frei Enivaldo Conceição do Carmo
- Frei James Fernandes
- Frei Paulo Arantes Rodrigues
- Frei Flávio Freitas de Amorim
- Frei Manoel Fernando da Silva
- Frei Diêgo Fernandes de Melo
- Frei Givaldo Domingos de Oliveira

OFS

- Allyson Antônio Duarte Batista
- Ana Maria Gonçalves
- Cláudia Travassos cunha
- Cláudio Lemos Fonteles
- Flora Maria de Mattos Fernandes
- Rosa Maria Cardoso dos Santos
- Zuleide Marquim Firmo de Araújo

AMIGOS E BENFEITORES

- Júlio César Freitas Fernandes
- Leonilson Moreira Sousa
- Adalgisa Mendes Guimarães
- Flávia Carolina Guimarães
- Bernadette de Lourdes Martins Teixeira
- Daniel Alcântara Parente Farias
- André Afonso Vanzan
- Marcelo José Grechi de Carvalho
- Expedito Jorge Ribeiro
- Corina Batista Barbosa
- Bruna Santos Lima Pereira
- Álvaro Augusto Normando
- Jânio José de Freitas
- Maria do Socorro N. da Silva
- Juliana Brandão Pires
- Heverton Handson Alves Queiros
- Rogério Fenner Santos
- Jonas Cavalcante dos Santos Junior
- Vera Lúcia B. dos Santos
- Tayná Dourado
- Ana Luísa Silva Bezerra
- Heloisa Maria Guinle Dantas Normando
- Marcone Martins Mascarenhas
- Marcia Rejane Rolim Martins
- Pedro A. Mascarenhas
- Maria Ângela Silveira Matos da Silva
- Talita Clementino Brito
- Jonas Cavalcante dos Santos Junior
- Maria da Luz Pinto Ramos
- Isabela Spirandeli Correa
- Maria de Castro Barreira
- Maria do Socorro Coelho Galdez
- Odeleiko R. de Almeida
- Olídio de Almeida
- Elizete Alves de Oliveira
- Rafael Sousa
- Júlia Brasil da Silva
- Sebastião Cavalcante Sobrinho
- Viveka Bergener Leite Guimarães
- Ana Catarina Marquim Firmo de Araújo

Parabéns!

Que Deus e a Santíssima Virgem Maria

vos abençoe e vos guarde!

df



***O Senhor te abençoe e te guarde,
Mostre a ti o seu rosto e tenha misericórdia de ti.
Volte para ti o seu olhar
e te dê a paz.***

Paz e Bem!

Colabore conosco!

SEMINÁRIO SÃO FRANCISCO DE ASSIS
MISSÃO KOLBE

Banco do Brasil
Agência. 0452-9
Conta Corrente. 44444-8

Frei Luís Felipe C. Marques, OFMConv
Guardião e Reitor

